O Histórico e o Poético da Prova Heroica

Oswaldo Evandro Carneiro Martins*

A Prova Heroica (1941-1947)

A natação em mar aberto teve um surto importante nos sete primeiros anos da quarta década deste século, na chamada prova heroica, cuja realização empolgava Fortaleza. Eram percorridos os 5,6 quilômetros entre o Guindaste Titã na Ponta do Mucuripe e o Guidaste do Viaduto Moreira da Rocha (Ponte Metálica)

São dignos de homenagem hoje, fluídos cinquenta anos, aqueles nadadores – aposentados ou sêniores ativos que seriamente lançavam ao Atlântico a bracejar de leste a oeste, arrastando por 4 horas as dificuldades do percurso. Que se mencionados os heróis desta façanha, os vivos e os mortos, especialmente o nome de Vandeberg Colares, que deve ser exaltado como o pioneiro em tal competição esportiva, antes que entre nós se falasse na Travessia do Canal da Mancha.

As organizações de esporte inscreviam seus representantes então, incluídas as de outros estados, como naquela vez em que o Náutico e o Esporte de Recife mandaram delegações, incluindo o famoso campeão Roberto Buchardt, que conquistou o 3° lugar, perdendo para João Gentil Júnior e Geraldo Leite, 1° e 2° colocados.

Digno de nota entre os competidores era o aspecto de sua faixa etária: os dois citados cearenses acima começaram a participar da disputa ainda adolescentes. O entusiasmo do público era enorme, respaldando o esforço e destemor daqueles que praticavam o nado por amor à cultura

---

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará, *in memoriam*.

física. Contam-se destes fatos edificantes sobre a emulação e a solidariedade entre todos, desde os que disputavam dentro da água até aqueles que aplaudiam calorosamente fora dela.

A baía fica coalhada de embarcações, que espontaneamente prestavam segurança e socorro a quem por ventura estivesse com problema. Eram lanchas, botes, escalares, jangadas, toda uma frota multifária que se distribuía na extensão marítima, desde a largada à chegada.

Dois exemplos emocionantes entre os competidores são o do nadador que tinha um só braço e de uma nadadora que recusou a ajuda, tendo chegado à praia várias horas depois, por seu próprio esforço e o da maré, a determinação dos protagonistas era algo de lendário. Geraldo Leite conta que João Gentil Júnior o concitou, antes da partida, quando ambos venceram Roberto Buchardt, com as seguintes palavras: Vamos ganhar dos pernambucanos!

O movimento portuário de Fortaleza se concentrava então na Ponte Metálica e seu entorno. Outras instalações conexas houvera naquele trecho de praia – a oeste o Paredão e a leste a Ponte dos Ingleses – que, àquela época, não tinham utilização econômica, o primeiro em ruína, tendo sido porto, e a segunda tê-lo-ia sido, mas fora abandonada em plena construção. O Paredão delimitava o Poço da Draga ao nascente e era frequentado pelos banhistas da denominada Praia Formosa, os quais alugavam calções em casas destinadas a esse mister, ou se trocavam como sócios no antigo Náutico Atlético Cearense, situado numa área que o oceano tragou como a tantas outras, após implantação do Porto de Mucuripe. Do lado leste, ficava a Ponte dos Ingleses, de onde se atiravam ao mar os nadadores mais temerários, que em geral demandavam amadoristicamente os navios fundeados ao longe.

Era esse o contexto antropológico onde se inseria a Prova Heroica, que culminava sempre nos meados do ano por uma grande festa popular – o Dia da Prova. O comércio marítimo regorgitava ali sem interferir com ela, até que afinal se trasladou para o Mucuripe. Embora lhe fosse assim liberado o espaço, o referido ciclo da nossa natação estancou, e o que hoje, duas gerações depois, é apenas memória esmaecida, senão obliterada. O espírito esportivo que a esses torneios inspirava se esvaeceu. No nome dos sobreviventes dessa era de ouro e dos seus pares que se foram para o Olimpo, transcorrido meio século, impõe-se justiça histórica para com

eles, que criaram uma cultura que é preciso resgatar neste instante, ao ensejo em que a Praia de Iracema é revalorizada pelos poderes públicos.

A Prova Heroica era um produto legítimo da sociedade civil. Os governos estadual e municipal a quem pertencia velar por ela nada fizeram nesse sentido. Se alguém deve redimir-se da culpa pela pasmaceira atual, por certo não é o povo, mas as autoridades de então, sobretudo, cuja omissão já decorria de uma omissão anterior. Ora, não tinha a menor significação para o Estado Novo ou regime ditatorial vigente um mero fato do lazer das massas. Eis por que os órgãos de segurança sequer atentavam para o excesso de público na Ponte Metálica, quando da realização esportiva, o que provocou um acidente (desabamento), que serviu de pretexto para dissuadir, daí por diante, um evento que decisivamente se convertera numa praxe e instituição.

Apelamos por que ressurja a natação da Prova Heroica, agora com a participação e o incentivo oficiais. Sem estes, no passado houve atletas e idealistas que se engajaram no feito, ficando provada a vocação do cearense para os "verdes mares bravos", a qual constitui traço do caráter da nação índia Tremembé.

Fortaleza, 12 de junho de 1995
Oswaldo Evandro Carneiro Martins

GALOPE DA PROVA HEROICA

(A João Gentil Jr., campeão da "Prova Heroica"; a Osiris Evandro Carneiro Martins, que cumpriu o percurso; e a todos que tiveram esse culto)

O salso elemento – que é verde e bravio –
É verde de quem na esperança só vive,
Bravio de quem nos embates revive
- Nativo da costa, nem gê nem gentio,
Porém tremembé, o guerreiro de brio.
O Atlântico traz muita nau a vogar,
Que rouba o sossego da praia e do lar.
E o povo inditoso se esconde no mangue,
Jogado na lama, coberto de sangue:
O luso o escorraça do meio do mar.

Os séculos fluem, após a invasão.
Mil filhos dos índios retornam às plagas
Do oceano, montados no dorso das vagas.
Não mais caravelas com acha, canhão,
Soldado reinol e um feroz capitão.
Somente esportistas estão a ocupar,
Herdado, seu justo, seu certo lugar.
Não são combatentes em louca batalha:
Disputam, cordiais, e nenhum se tresmalha
Nem queda boiando no meio do mar.

Da margem romana dirigem-se à gálica,
As águas cruzando. Tal qual na manhã:
Da Ponta que deixam – do velho Titã –
À ponte que buscam – à velha Metálica.
Imitam heróis de uma argiva ou itálica
Origem, ali a correr ou nadar,
As pernas nas ondas e os braços no ar.
Atletas que lutam num jogo de força,
Quem é que por eles não grite nem torça.
Se, à Prova, se travam no meio do mar?

Dois seres inertes – um par de guindastes –
Que mercadorias levantam no oeste,
Graníticos blocos depõem no leste,
Trazendo progresso nos braços ou hastes.
Unindo os extremos, fundindo os contrastes
Daqueles que estão a partir, a chegar,
Cobrindo distâncias que delimitar,
São marcos lindeiros de árduo percurso
Dos que de lonjuras encontram-se em curto
E emulam-se, francos, no meio do mar.

São seres inertes que entanto trabalham;
Não são racionais, artefatos que são,
Mas lembram pessoas na sua moção
– Contínua, precisa – na qual nunca falham
Àqueles que ali, esforçados, batalham
E estão colossal travessia a fechar.
Ao lado dos botes, a participar
Estão na campanha, num só mutirão,
Em prol dos que assumem a nobre missão
De erguer um Olimpo no meio do mar.

Balizas da estrada que à glória conduz
– Imemoriais testemunhos presentes –
Há de ambos a lenda – registros correntes –
Que diz da solar radiação – calor, luz –
Do vento que só maresia produz,
Da chuva do céu sobre os dois a tombar
– Criando ferrugem, processo a sustar
Na própria paisagem, num pronto museu
De fatos que visem ao seu jubileu,
Datados, marcados no meio do mar.

E vão ao sabor da adorável sazão,
Felizes e integres na olímpica pugna.
Propósito firme por que se propugna:
Safar-se da arena com seu galardão.
Reflexos equóreos lhes dão sensação
Que dizem do Empíreo por repovoar
Com deuses do Esporte, com outro avatar
– Pelágico, hodierno, nascido do povo
Num culto atual e totalmente novo
Conforme sucessos no meio do mar.
Marulho de brisa, bramar de procela
Estão a chamar-lhe, na cenestesia,
Os nomes nóveis para a mitologia
De agentes do cosmo, que neles revela
Amar Fortaleza, de essência tão bela
E fastos gloriosos que cumpre exaltar.
Mas quem é que está fortemente a falar?
– Os mortos viris da Confederação
E seus sucessores, já na Abolição.
A esses evocam no meio do mar.

Imersos os pés que estão faltos de chão,
Lançados os olhos além da angra ou saco,
Oscilam: nos baixos de cada buraco,
Nos altos formados por camaleão.
Enxergam tão-só na geral vastidão
As mãos derradeiras que estão a acenar
– Talvez Paula Nei, ou talvez Alencar –
São copas que restam daqueles coqueiros,
Em cuja beleza os dois são parceiros,
A ver a poesia, do meio do mar.

Festivos, avançam os protagonistas,
Agora amparados em frota diversa
Daquela de antanho tão vil, tão perversa.
Se são afligidos em suas conquistas,
Os barcos lhe trazem desvelos e vistas.
Os danos que ocorrem são coisas do azar,
Que é fácil tratar e se pode sanar.
Os riscos que há os previne o barqueiro,
Que é como do dia fiel faroleiro
Velando incertezas do meio do mar.

Formando estendal na extensão da baía,
Armada profusa de chata e catraia,
De iate, de iole, de lancha se espraia.
Atende ao tardio, que sai da porfia,
Que vai recolhido, que nem se avalia
E tenta a vitória no fim alcançar,
Mercê do ideal a que passa a aspirar,
Que o empolga, que o impele, que o arroja, que o faz
Supor que de feito tamanho é capaz,
Num ror de entusiasmos no meio do mar.

Menção das mais altas merece a jangada,
Tão desconfortante qual tosca piroga,
Que entanto o papel desempenha e se arroga
Das embarcações coirmãs, irmanada
Na sua função, a igual fim destinada.
E quem desbravar, dominar e franquear
O ambiente? Ora, quem sobrevive a pescar
– Sofrido labor – o frugal jangadeiro,
Do audaz nadador o melhor companheiro.
Solidariedade no meio do mar.

E muitos recusam auxílio que tais:
Desejam triunfar com méritos seus,
Seguindo fiados apenas em Deus.
São adolescentes, rapazes e os mais,
Que á justa se investem nos postos iguais.
A ética assim, a conduta a regrar,
Reune-os, fazendo-os confraternizar.
Amigos, leias, elegantes e bravos,
Não tem privilégios, nem queixas, nem travos,
Na comunidade do meio do mar.

Inclui-se a heroína que, lenta, se atrasa
E pouco progride depois da largada;
Tangida a maré, solitária, é lançada
Do fluxo na areia branquíssima e rasa
E Lá finalmente se apoia e se embasa
Sem ter que render-se, sem ter que apelar
A quantos querem seu préstimo dar.
Encalha no trecho Meireles chamado
E reconhecido de longo passado
Nas dunas, na beira, no meio do mar.

Nem menos que elas, seus pares estão
Passíveis a males e achaques, surpresas
Orgânicas mas de que podem ser presas
São cãibras, angustias e palpitação
Acessos nasais ou até de pulmão
Que nunca a ninguém se deixe afogar,
Que a ele jamais venha alguém a faltar
Gestão solidária no Instante e amiúde
E a pronta presença da ação de saúde
Que o salve da morte no meio do mar.

Eólicas causas no undosos regaço,
Marítimas fainas no meio da enseada
Expulsam as feras, não há, pois mais nada
Que entrave o torneio, que vai, passo a passo,
- Braçada a braçada, num mesmo compasso-
Com término em paz, a empreitada findar.
Não há tubarão contra que se guardar
Tampouco acidente nenhum a provar:
Nem há precauções a tomar, a prever:
Já todos as tomam no meio do mar.

Dispersos nas milhas, rumando à deriva,
Convergem no porto, que os guinda e os entrega
"A gente do Forte, que lá se congrega
E, a rir, de perguntas curiosas os criva.
Nos músculos dor, e vergões de água-viva
E limo das algas na pele a engelhar,
Respondem-lhe todas, após enfrentar,
Os óbices dessa jornada tão dura;
Respondem com ditos de suma ventura,
Por terem chegado do meio do mar.

Sublimam assim o regime cruel:
Nem lembram que afundam navio inimigo
Num feito noturno de grande perigo;
Nem lembram ser vindos de bugre revel
Que o branco soez põe a ferros e a fel.
Só sabem que à tribo que os vem aclamar
Com honra pertencem – orgulho sem par;
Só sabem que a história começa a ser sua,
História cearense, que vige e que atua
Com homens heroicos no meio do mar.